

## **Feira AKitanda Agroecológica: trajetórias de uma experiência de educação em agroecologia através das disciplinas de Comunidade Aprendizente**

*AKitanda Agroecological Fair: trajectories of an experience of education in agroecology through the disciplines of Learning Community*

SANTOS, Eva Pacheco da Silva<sup>1</sup>; SOUZA, Gleidane de Freitas<sup>2</sup>; SANTOS, Leonela Nakaiane Jesus dos<sup>3</sup>; CASTRO, Marina Siqueira de<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), vinhameef@yahoo.com.br; <sup>2</sup> gleidane@live.com; <sup>3</sup> leonelanakaiane.10@gmail.com; <sup>4</sup> marinacastro@uefs.br

### **Resumo**

A experiência vivenciada pelas disciplinas de Comunidade Aprendizente do curso de Agronomia, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), que culminou na construção da Feira AKitanda Agroecológica, através de um processo participativo e de empoderamento dos agricultores e agricultoras, trouxe reflexões a respeito de como o processo educativo pode acontecer a partir de diferentes trajetórias. Realizadas no Centro de Agroecologia Rio Seco (Cearis), unidade extra campus da UEFS, localizada no município de Amélia Rodrigues, Bahia, a experiência aconteceu em parceria com os agricultores do entorno e com o Núcleo de Estudos em Agroecologia - NEA Trilhas. Dessa forma, o presente trabalho buscou descrever a experiência de construção da Feira AKitanda Agroecológica na disciplina em questão, resultando em um espaço não só de comercialização, como de construção do conhecimento agroecológico e diálogo entre saberes, mostrando como a educação em agroecologia pode promover a construção coletiva. É possível a partir dessa experiência observar como os métodos utilizados nos processos educativos podem proporcionar uma educação libertadora e autônoma, onde os povos que vivem no campo possam compreender como parte e construtor do seu território.

**Palavras-chave:** processo educativo; metodologias participativas; conhecimento agroecológico.

### **Abstract**

The experience of the Learning Community disciplines of the Agronomy course at the Feira de Santana State University (UEFS), which resulted in the creation of the AKitanda Agroecological Fair, through a participatory process and the empowerment of male and female farmers, brought reflections on how the educational process can happen from different trajectories. Held at the Centro de Agroecologia Rio Seco (Cearis), an off-campus unit of UEFS, located in the municipality of Amélia Rodrigues, Bahia, the experience took place in partnership with the surrounding farmers and the Nucleus of Studies in Agroecology - NEA Trilhas. In this way, the present work sought to describe the experience of building the AKitanda Agroecological Fair in the discipline in question, resulting in a space not only for commercialization, but also for the construction of agroecological knowledge and dialogue between knowledges, showing how education in agroecology can promote the collective construction. It is possible, from this experience, to observe how the methods used in the educational processes can provide a liberating and autonomous education, where rural communities can understand themselves as part of and contributors to their own territory.

**Keywords:** educational process; participatory methodologies; agroecological knowledge.

### **Introdução**

O conjunto de disciplinas de Comunidade Aprendente, ministrado em três semestres consecutivos, faz parte dos créditos obrigatórios que compõem a matriz curricular do curso de Graduação em Agronomia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), reforçando a sua ênfase em agricultura familiar e agroecologia e contribuindo para o processo formativo em que contemple a relação entre estudantes e agricultores.

A partir dos princípios da extensão rural agroecológica, as disciplinas utilizam as metodologias participativas na promoção do diálogo com os agricultores familiares e comunidades tradicionais, contribuindo na formação do “agrônomo-educador”, conceito definido por Paulo Freire no livro “Extensão ou Comunicação?”. Utilizando como base a metodologia problematizadora de fundamentação humanista, descrita detalhadamente por Paulo Freire no livro “Pedagogia do Oprimido”, pela qual as disciplinas são desenvolvidas a partir do diálogo entre estudantes e agricultores, buscando temas e ações que consigam garantir o envolvimento de todos.

As disciplinas acontecem desde 2015, no Centro de Agroecologia Rio Seco (Cearis), unidade extra campus da UEFS, localizado no município de Amélia Rodrigues, Bahia, em parceria com os agricultores do entorno. O Cearis, junto com o Núcleo de Estudos em Agroecologia NEA Trilhas, desenvolvem atividades que contemplam assistência técnica e extensão rural agroecológica com a participação das comunidades vizinhas, valorizando os saberes tradicionais e buscando fortalecer a autonomia dos agricultores, possibilitando ambientes de diálogo e promovendo a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão, em comunicação com a sociedade.

A partir de discussões iniciadas durante os trabalhos desenvolvidos pelo NEA Trilhas nas comunidades e em seguida na disciplina de Comunidade Aprendente I (2015.1), surgiu a demanda de criação de uma feira, como forma de eliminar a ação dos atravessadores nas comunidades, garantindo o escoamento dos produtos de maneira autônoma, bem como um comércio justo a partir do contato direto com os consumidores. Durante as práticas da disciplina, o desafio e a necessidade da construção da feira foram fortalecidos através da fala do agricultor J.S.A.: “*quero entrar pelo portão do fundo do Centro e poder vender meus produtos no portão da frente*”. “*Estou ficando doente de tanto agrotóxico, toda vez que bato veneno acabo no posto de Amélia*”. A partir de então surge o grande desafio de construção da primeira feira agroecológica do Cearis, idealizada pelo NEA Trilhas e pelos estudantes da disciplina Comunidade Aprendente 2017.2 (NUNES et al., 2017).

O primeiro passo na construção do projeto da feira foi o contato direto com a comunidade, conhecendo sua realidade. Em um processo longo de escuta e diálogo, foram

expostas as queixas e anseios das famílias agricultoras, iniciando um planejamento para realização de um ciclo de ações de intervenções, no campo da pesquisa-ação. Neste contexto foram desenvolvidas, pelos estudantes, corpo técnico do NEA Trilhas e as famílias agricultoras, diversas metodologias participativas, utilizando ferramentas como, oficinas, rodas de conversa, participação nas reuniões de associação, aplicação de diagnóstico participativos, estreitando os laços com a comunidade, necessidade essencial para construção conjunta da feira.

O diálogo com as famílias agricultoras foi fulcral para a reflexão crítica da realidade que a comunidade se insere. Através dessas atividades foi possível uma interação entre os sujeitos da ação, possibilitando os planejamentos necessários para iniciar o projeto da feira, alicerçado na realidade local, ao compreender as consequências dos sistemas de produção de lógica massacrante do mercado convencional em que estavam inseridos, reconhecida através dos canais de comercialização controlados pelos atravessadores.

Neste cenário manifesta-se o desejo de outras formas de comercialização, calcadas em novas diretrizes. Assim, o novo ganha forma, e a possibilidade de outros mercados passa a ser real, onde características como proximidade, economia solidária, equitatividade, reciprocidade e centralmente a autonomia econômica e empoderamento das famílias agricultoras são base para criação da Feira Agroecológica do Cearis. Assim, o presente trabalho buscou *descrever a experiência de construção da Feira AKitanda Agroecológica na disciplina de Comunidade Aprendente do curso de Agronomia, da Universidade Estadual de Feira de Santana.*

### **Descrição e reflexão sobre a experiência**

Realizada a partir de ciclos trimestrais, as disciplinas de Comunidade Aprendente I, II e III, acontecem de forma que os alunos consigam reunir um aporte teórico acerca da extensão rural agroecológica e participativa, bem como as ferramentas e metodologias utilizadas, e assim iniciam o diálogo com a comunidade para conhecer suas demandas e trabalhar coletivamente.

As metodologias participativas devem ser base para a realização das atividades de extensão e precisam ser utilizadas como ferramenta de promoção do diálogo e a interação entre todos os envolvidos, e não para a extração de informações a respeito das comunidades. Cumprem sua função a partir da união de diversas metodologias e não apenas uma isolada, podendo assim encurtar a distância existente entre o conhecimento acadêmico e o tradicional, de maneira a facilitar a relação do extensionista com os agricultores e agricultoras (KUMMER, 2007; OLIVEIRA, 2015).

Auxiliam ainda na construção do conhecimento agroecológico, onde os agricultores envolvidos precisam possuir sentimento de pertencimento dentro dos contextos em que

participam e vivem, bem como nos processos construídos coletivamente nas comunidades (FREIRE, 2006).

A agroecologia, neste contexto, cumpre um papel científico e metodológico de construir novas formas de analisar e tratar a realidade do campo. A partir de um enfoque científico, respalda a construção de novos saberes baseados nos conhecimentos tradicionais dos povos do campo, por meio de metodologias participativas que demandam análises das especificidades da comunidade para um manejo sustentável e compatível com as necessidades locais, sociais, agrícolas, agrárias, econômicas... indo de encontro com o modelo de agricultura tradicional que não leva em consideração a totalidade, não se utiliza da visão sistêmica, defendida pela agroecologia.

[...] para a agroecologia como disciplina científica, não existe um conhecimento de caráter universal ou a-histórico, que sirva para todos e em qualquer lugar. A agroecologia se caracteriza por uma abordagem integral da agricultura, onde as variáveis sociais têm papel de alta relevância (COSTA GOMES e BORBA, 2004, p.11).

A proposta de construção da feira, fundamentada nas discussões e atividades realizadas durante as disciplinas de Comunidade Aprendizante I, II e III, em ciclos que aconteceram no período entre 2015 e 2019 (totalizando 4 edições de comunidade aprendizante I, II e III ofertadas), reforçaram a construção do conhecimento agroecológico na práxis e trouxe reflexões a respeito de uma comercialização eficiente para os agricultores familiares (SANTOS, 2019). Foi-se acompanhando as parcerias e intervenções durante o processo, através de reuniões com os agricultores, visitas técnicas, vivências, mutirões e oficinas.

Inicialmente a feira surge enquanto um tema trabalhado por grupos específicos, e não como tema geral das disciplinas. No entanto, diante da dimensão do projeto e da relação entre as disciplinas e o NEA Trilhas, o tema passa a ser tratado por todos os discentes matriculados, junto aos agricultores e agricultoras. Durante a construção, a escolha do espaço aconteceu de maneira coletiva, sendo o Cearis escolhido por ser um ambiente caracterizado pela confiança na condução de processos de mediação e resolução de conflitos. Da mesma maneira a escolha do nome Feira AKitanda Agroecológica, a condução da organização do espaço e construção das barracas aconteceram a partir da participação de todos os sujeitos, em espaços promovidos principalmente por estudantes das disciplinas.

Os estudantes participaram do levantamento de informações e ações que resultariam na melhoria da logística, compreensão e organização das ideias junto aos agricultores e também a contribuir com a preparação da 1ª edição da Feira AKitanda Agroecológica. É no semestre 2015.1 e 2015.2 que o tema da feira é discutido pela primeira vez, seguindo em construção pelas disciplinas em 2016, até o semestre 2017.2 quando alcança a sua proposta formal. Em

2018.1 nas discussões da disciplina de comunidade aprendente III, que tinham como objetivo a devolutiva social dos trabalhos realizados na comunidade Quatro Estradas, a Feira é mencionada como uma necessidade emergente, o que culmina em 2019.1 e 2019.2 (Aprendentes II e III), no levantamento de informações e ações a fim de aprimorar a logística da organização a primeira edição da Feira AKitanda Agroecológica.

Segundo Santos (2019), planejamento da Feira AKitanda trabalhou com alguns pontos julgados necessários pelas próprias famílias agricultoras, técnicos, professores e estudantes, são esses: Legislação e rotulagem (agregação de valor aos produtos e iniciar o debate sobre legislação agroecológica); Feira saberes e Sabores (processo de aprendizado através da já existente Feira organizada pela Incubadora de Economia Solidária da UEFS); Mobilização feminina (Organização do grupo de mulheres da comunidade Quatro Estradas, amparado pela discussão do feminismo e agroecologia); Quintais agrofloretais (quantificação de produtores que se enquadram dentro da proposta da feira, ou seja, de produção agroecológica); 5. Organização Geral da Feira - responsável por sintetizar e alinhar as demandas gerais.

Os agricultores participantes da Feira AKitanda são parceiros do Cearis, acompanhados no processo de transição agroecológica, por meio de atividades de extensão rural. O processo educativo da extensão rural agroecológica exige uma equidade de relações entre os/as extensionistas e a comunidade. A proposta é que exista uma troca mútua de conhecimentos, heterogeneizando as relações entre técnicos e agricultores (as), onde todos respeitam os conhecimentos partilhados e entendem como parte da construção social da extensão rural agroecológica, que determinaram um redesenho dos agroecossistemas e seu manejo dentro das necessidades reais da comunidade, com base em metodologias participativas. Neste sentido, ainda que pareça redundante, deverá ser adotada uma forma de “educação libertadora”, que contribua para a organização da população rural de modo que os próprios beneficiários venham a construir as condições necessárias para o pleno exercício de sua cidadania (CAPORAL, 2009, p. 84).

Após um longo processo educacional de construção de saberes junto à comunidade, a Feira AKitanda Agroecológica teve sua primeira edição em dezembro de 2019, ocorrendo quinzenalmente. A feira passou a acontecer às sextas-feira, por ser um dia de alto movimento na BR 324 (principal ligação entre Feira de Santana e Salvador, Bahia), que fica à frente do Cearis, onde as barracas foram localizadas. No ano seguinte as edições da feira foram interrompidas pelo início do período pandêmico, onde as novas regras de distanciamento social não permitiram a continuação da mesma. A pandemia da Covid-19 gerou um momento histórico muito difícil para as famílias agricultoras por todas as restrições atribuídas a esse

período, onde todas as feiras foram suspensas e apenas o que restava, quando existia, eram os mesmos atravessadores que as famílias buscavam se libertar. As entregas domiciliares pela Rede AKitanda Agroecológica estão sendo mantidas, por opção dos agricultores, mesmo após o retorno de algumas feiras como Saberes e Sabores na UEFS, pós pandemia. O retorno da feira AKitanda agroecológica no espaço físico do Cearis está em discussão.

Neste ínterim, via demanda das famílias agricultoras de continuar a comercializar seus produtos, base de sua sobrevivência, surge a ideia de uma entrega a domicílio de produtos agroecológicos, salvo todos os cuidados sanitários necessários. Assim, nasce a Rede AKitanda Agroecológica, que passa a comercializar os produtos das famílias em Feira de Santana e Salvador, as duas maiores cidades do estado da Bahia. Sendo essa uma conquista muito importante por tratar da autonomia das famílias agricultoras e da contribuição da construção da soberania alimentar e nutricional, definida como:

O direito de cada nação ou região a manter e desenvolver sua capacidade de produzir colheitas de alimentos básicos com a diversidade de cultivos correspondente. O conceito emergente de soberania alimentar enfatiza o acesso dos agricultores à terra, às sementes e à água, enfocando a autonomia local, os mercados locais, os ciclos locais de consumo e de produção local, a soberania energética e tecnológica e as redes de agricultor a agricultor (ALTIERI, 2012, p.3).

### **Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia**

A construção do conhecimento agroecológico tem como um de seus pilares a visão holística alicerçada no diálogo entre os conhecimentos científicos e populares, considerando as questões ecológicas, sociais, culturais, políticas e econômicas e, através de métodos participativos promove o fortalecimento da Educação em Agroecologia; entendendo que a construção deve ser coletiva, articulando a práxis e a teoria de maneira que o processo educativo aconteça de forma problematizadora (COSTA, RAMOS e VIEIRA, 2020).

O processo educativo é responsável pela construção e desenvolvimento dos conhecimentos produzidos pela humanidade, cabendo a ele o papel de formação dos indivíduos para determinado propósito. Assim, as experiências devem proporcionar uma educação libertadora e autônoma, onde os povos que vivem no campo possam compreender como parte e construtor do seu território, como acontece na Educação Popular, do Campo e Agroecológica.

Uma educação com enfoque agroecológico é comprometida com a construção de novas formas de relação do ser humano com a natureza, sendo este processo orientado pelos próprios princípios da Agroecologia voltados à formação educacional. Neste âmbito a educação deve problematizar a realidade em que vivem os educandos, produzindo e entrelaçando os conhecimentos científicos e populares, valorizando a cultura local produzida historicamente por

esses grupos sociais, adaptando e criando novas tecnologias que atendam as necessidades locais e respeitem uma relação harmônica com a natureza, matéria prima de nossa existência. Essas ações perpassam dentre outras pela produção de alimentos sem venenos e sua comercialização local, gerando desenvolvimento econômico e autonomia a comunidade.

Segundo Aguiar et al. (2016, p. 15), durante o I Seminário Nacional de Educação em Agroecologia (SNEA) foram definidos quatro princípios e diretrizes para orientar a Educação em Agroecologia: Princípio da Vida; Princípio da Complexidade; Princípio da Diversidade; e Princípio da Transformação. Tais princípios servem de base para os processos educativos agroecológicos, perpassando pela construção de currículos de educação formal, técnica e de outros espaços não formais de educação.

Os princípios da vida, complexidade, diversidade e transformação conectam-se entre si formando um alicerce para condução de experiências educacionais. O primeiro princípio refere-se a essencialmente o respeito à natureza, pois dela tudo provém, água, terra, floresta, sementes, alimentos, trabalho, cultura, etc e sem ela a sustentabilidade de uma vida agroecológica não é possível; O princípio da complexidade, foge ao dualismo prático e simplista, ao passo que abraça a religação dos saberes em uma perspectiva transdisciplinar, valorizando a multidimensionalidade das coisas e seus processos; O terceiro, princípio da diversidade traz um embate direto com as concepções homogeneizadoras e excludentes da educação convencional, sendo na diversidade de cada território que se constroem os conhecimentos; O princípio da transformação preza pela conscientização e emancipação de estruturas ideológicas opressoras, formando profissionais criativos e autônomos, com vistas a novas formas de relação com a natureza.

A experiência vivenciada pelas disciplinas de Comunidade Aprendiz, que culminou na construção da Feira AKitanda Agroecológica, através da participação e do empoderamento dos agricultores e agricultoras, trouxe reflexões a respeito de como o processo educativo pode acontecer a partir de diferentes trajetórias. A análise das trilhas percorridas pelos estudantes, professores, técnicos e agricultores durante realização das disciplinas a partir da utilização de metodologias participativas, do diálogo entre os saberes, do acompanhamento do processo de transição agroecológica, da formação e do empoderamento de agricultores e agricultoras (principalmente a partir da formação do Grupo de Mulheres), os mutirões, resultando na Feira AKitanda Agroecológica funcionando a partir da perspectiva da Economia Solidária, mostra como as experiências em Educação podem trazer resultados significativos.

## **Considerações finais**

Os princípios seguidos pelas disciplinas Comunidade Aprendente possibilitam que o processo educativo seja realizado de forma horizontal e emancipador, favorecendo a construção coletiva de saberes a partir do diálogo e buscando a autonomia das comunidades. A realização da Feira AKitanda Agroecológica, a partir da ação de estudantes, agricultores, técnicos e professores é um exemplo prático da construção do conhecimento agroecológico tendo como base a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

O modelo agrícola produtivista presente nas entranhas dos cursos de ciências agrárias ainda impõe dificuldades para o desenvolvimento de experiências de Educação em Agroecologia, tornando esses verdadeiros exemplos de resistências nas instituições de ensino. No entanto, o crescimento da discussão acerca da agroecologia e a busca por sistemas alimentares sustentáveis tem trazido à tona a necessidade do fortalecimento dessas iniciativas, proporcionando que os sujeitos envolvidos enxerguem novas formas de organização social, de cuidado e manejo dos seus agroecossistemas, de comercialização, contrapondo as determinações do modelo de educação gerida pela lógica do capital.

## Referências

- AGUIAR, M. V. A. et al. Princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia. **Revista Cadernos de Agroecologia**, Recife, 11(1), 2016.
- ALTIERI, M. A. Agroecologia, agricultura camponesa e soberania alimentar. **Revista Nera**, n. 16, p. 22-32, 2012.
- CAPORAL, F. R. **Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis**. Brasília: MDA/SAF, 2009.
- COSTA, F. V.; RAMOS, J. L. C.; VIEIRA, D. D. Produção científica e princípios da Educação em Agroecologia. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 55, 2020.
- COSTA GOMES, J. C.; BORBA, M. Limites e possibilidades da Agroecologia como base para sociedades sustentáveis. **Ciência & Ambiente**, n. 29. Julho/Dezembro de 2004
- FREIRE, A. G. Construindo conhecimentos a partir das práticas. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, v.12, n.4, p. 4-5, 2006.
- KUMMER, L. **Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar: Conceitos, ferramentas e vivências**. Salvador: GTZ, 2007. 155 p.
- NUNES, A.T.S. *et al.* **Proposta para Implantação da Feira Agroecológica no Centro de Agroecologia Rio Seco - CEARIS/UEFS**, 2017. 11p.
- OLIVEIRA, M. L. R. Reflexões sobre o uso de metodologias participativas como instrumento de trabalho em comunidades rurais. **Em Extensão**, v. 14, n. 1, p. 30-51, 2015.
- SANTOS, L.N.J. (2019). **Dos Quintais da Agricultura Familiar para a Feira Akitanda Agroecológica**. Monografia (Graduação em Agronomia) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil, p. 58. 2019.